

COMO PRINCÍPIO A LIBERDADE: APONTAMENTOS E CONTROVÉRSIAS NA CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE

Tania Regina Rossetto (UEM)
taniarossetto@yahoo.com.br

Resumo: Buscamos neste estudo teórico o conceito de liberdade em Paulo Freire. Ao apontarmos tal questão nosso intuito inicial é evidenciar sua contribuição à educação brasileira em um período de transição democrática golpeado pelo militarismo. Consideramos que a ação pedagógica não se distancia das relações políticas, históricas e sociais. Neste sentido, levantamos o questionamento: é possível conceber a liberdade na prática educativa frente às limitações do sistema econômico capitalista? Diante disso, objetivamos: contextualizar historicamente o período que alicerça os estudos e as experiências do autor, estabelecendo relações entre sua vida e seus posicionamentos educativos; discutir os conceitos de liberdade a partir das obras destacadas; refletir sobre os apontamentos e possíveis controvérsias em relação aos conceitos de liberdade. Após o estudo, pontuamos que a educação para a liberdade não pode ser mecânica, isenta de consciência do mundo, sem imersão na realidade. Precisa ser direta e realmente ligada a necessidade ontológica da liberdade contrária a concepção capitalista.

Palavras-chave: Educação, Política, Liberdade.

INTRODUÇÃO À LIBERDADE

*'Por que negar?
Eu temia a liberdade. Já não a temo!'*
(FREIRE, 2005, p. 24)

O presente texto propõe como foco de discussão a liberdade na concepção pedagógica de Paulo Freire, como forma de evidenciar a contribuição de seu legado em relação a educação nacional. Para tanto, destacamos os textos: *Educação como prática da liberdade* (2011a); *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2011b); *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (2011c) e *Pedagogia do oprimido* (2005). Lembramos que tal estudo não buscou dialogar de forma direta com outros autores sobre o tema, mas tomar como referência, proposições do próprio autor destacado.

Dito isto, afirmamos que a educação é um ato político e age diretamente sobre a realidade social; por um lado fortalecendo-a e, por outro lado, tornando-a frágil, sem liberdade e sem autonomia. Paulo Freire, por meio de sua concepção pedagógica, amplia de forma expressiva aspectos da educação como um fator político na vida do povo. Ao colocarmos em pauta a liberdade, pretendemos apontar caminhos rumo a uma educação que permita posicionamentos contrários à realidade posta.

Ao elaborar uma proposta pedagógica, Paulo Freire, buscava uma crítica à educação brasileira. Com a alfabetização de adultos, instaura os *círculos de cultura*, que dão lugar as *classes de alfabetização*, intencionando chegar a lugares em que a educação formal ainda não havia chegado, estabelecendo novas relações entre quem ensina e quem aprende. A alfabetização popular é realizada por meio de palavras geradoras, pesquisadas e selecionadas a partir do universo vocabular da comunidade que se pretende alfabetizar, nelas são encontrados fonemas do vocabulário convencional, nelas estão contidas as experiências vividas pelas pessoas. Dessa forma, a alfabetização passa a ser algo significativo advindo da conscientização e da leitura de mundo realizada pelos integrantes do processo, estabelecendo uma relação dialógica entre o educando e o educador.

Estabelecida a relação, o educador se coloca como povo, com ele aprende, com ele ensina. Na sistemática da pedagogia tradicional, criticada por Freire como educação bancária, tal condição é inexistente, pois o professor é que detém o conhecimento que é transmitido de forma estanque e autoritária, desconsiderando o que as pessoas já conhecem. A mudança de postura presente nos encaminhamentos de Paulo Freire permitiu que um grupo experimental de 300 trabalhadores em Angicos no Rio Grande do Norte, no ano de 1963, fosse alfabetizado em 45 dias.

A luta de Paulo Freire teve como marco estabelecer o direito à educação das camadas populares, que na década de 1960, era em sua maioria analfabeta e sem direito ao voto. Aliado a tal compromisso visa construir junto ao povo a passagem da ingenuidade para a criticidade o que pressupõe a liberdade e a autonomia, agindo assim, o educador representou uma ameaça ao poder vigente que após o golpe militar ocorrido no ano de 1964, obrigou-o a 16 anos de exílio, de 1964 a 1980. Dessa forma, consideramos neste estudo que a ação pedagógica não se distancia

das relações políticas, históricas e sociais e questionamos: é possível conceber a liberdade na prática educativa frente às limitações do sistema econômico capitalista?

Diante de tal questionamento objetivamos: contextualizar historicamente o período que embasa os estudos e experiências do autor, estabelecendo relações entre sua vida e seus posicionamentos educativos; discutir os conceitos de liberdade a partir dos textos destacados; refletir sobre os apontamentos e possíveis controvérsias em relação aos conceitos de liberdade.

ENTRE A LIBERDADE E A OPRESSÃO

Entendemos que ao contextualizar historicamente o período que embasa os estudos e experiências de Paulo Freire, estabelecendo relações entre sua vida e seus posicionamentos educativos, ampliaremos as condições de entender o princípio freiriano de liberdade. Sua prática pedagógica é datada e como tal responde aos apelos e necessidades de uma época, que, de certa forma não foi, mas está sendo.

Paulo Freire, advogado de formação não chegou a exercer a advocacia, antes, decidiu-se educador, aceitando trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) Departamento Regional de Pernambuco, no período de 1947 a 1957. No SESI foi diretor da Divisão de Educação e Cultura e mais tarde superintendente do órgão. As experiências vividas nesse período foram imprescindíveis em seu posicionamento como educador, por meio de suas andanças estabelece contato com as primeiras comunidades, ouvindo-as, dialogando com as pessoas e com elas se comprometendo no intuito não apenas de alfabetizá-las, mas também de politizá-las.

É importante destacar que tempo fundante das concepções pedagógicas de Paulo Freire não se restringe ao tempo vivido no SESI, estende-se às experiências da infância e aos posteriores debates, entrevistas e diálogos com outros intelectuais pelo país e fora dele. Ao estabelecer amarras entre o que diziam os tantos livros e autores lidos e sua razão de ser pela vida das pessoas a que teve contato, lança pontes entre suas concepções teóricas e a sua prática pedagógica ao lado das pessoas marginalizadas pelo não saber de si e conseqüentemente, do outro.

Neste cenário, destaca-se um tempo promissor de opções políticas e posições ideológicas vividas pela sociedade brasileira, até o momento arraigada em relações de submissão ao patrão, ao chefe, ao senhor, ao pai, muitas vezes opressor, instaurando em geral, o medo, o não saber, a falta de liberdade e de autonomia, condições essenciais à constituição humana.

Nos posicionamentos de Paulo Freire fica evidente o compromisso com uma educação pela liberdade e pela autonomia, de forma que as pessoas tenham opções e, ao tê-las, que possam lutar por uma educação em que sejam sujeitos e não objetos. Pessoas massificadas não lançam um olhar crítico sobre a realidade, nem participam das decisões históricas que as constituem, não têm endereço, nem raízes que as sustentem. Dessa forma, faz-se necessário que a educação seja algo problematizador e significativo, condições que denotam a transição da ingenuidade à criticidade, pois todas as pessoas são desafiadas a descobrir o que pouco sabem de si e ao saberem de si, constituem-se problemas a si mesmas. Assim, buscam respostas, respondem e fazem novas perguntas, uma curiosidade constante que Freire considera primordial para a constituição humana.

Consideramos que a desumanização é uma questão histórica, não algo intangível e natural. Mas alcançar a via da humanização no contexto capitalista em que vivemos, é algo bem complexo, visto que todos estão desumanizados, os oprimidos e os opressores. Os que dizem e os que não dizem. É preciso destacar que, a desumanização mesmo sendo “um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*” (FREIRE, 2005, p.32). No sentido de mudar essa ordem dos que *são mais* e dos que *são menos*, Freire destaca a educação como prática da liberdade, uma educação que possa dinamizar a vida e não concebê-la de forma estanque e automatizada.

No cenário histórico e social do Brasil não temos referência de liberdade e autonomia, a colonização foi predatória, domínio de terra, escravidão, exploração dos recursos naturais, não havendo a intenção inicial, de se constituir um país fortalecido, mas o domínio de terras juntamente com o domínio das pessoas. Tal condição marcou profundamente a construção de novas realidades e não serviu para fortalecer ações democráticas, mesmo com a Proclamação da República em 1889, quando é derrubado o poder monárquico. Mas o que se projetou foi uma

realidade de submissão e servidão, que não estabelece o diálogo, mas o discurso enganoso dos que estão no poder.

É importante lembrar que, um dos primeiros vislumbres democrático no país, colônia de Portugal, sucedeu-se com a vinda da família real, em 1808. Com Dom João VI¹ e sua Corte estabelecida na cidade do Rio de Janeiro, desencadeia-se uma série de arranjos na nova terra: reformas que geraram “o reforçamento do poder ‘das cidades, das indústrias ou atividade urbanas.’ O nascimento de escolas. De imprensa. De biblioteca. De ensino técnico” (FREIRE, 2011a, p. 104). O poder das casas-grandes de engenho e das fazendas é consolidado nas cidades, a burguesia se fortalece com o comércio, superando o poder que vinha do campo. Este foi o início da queda do patriciado rural e o princípio de diálogo no sentido democrático, mas apenas para os que eram livres. O povo não participa de tais ações da vida social, a ele é negado direitos básicos, pela manutenção da ignorância de si, sem consciência, sem leitura do mundo que o reodeia, sem diálogo, sem liberdade.

Observamos que não há como buscarmos respostas nestas experiências iniciais moldadas a partir da exploração efetuada pelos senhores do campo, pelo poder absoluto detido por alguns poucos privilegiados. Ao destacarmos tal situação, podemos demonstrar o ato revolucionário de Paulo Freire ao colocar no centro do palco, pelas vias da alfabetização popular, os que são oprimidos, sem direito a voz, sem direito a liberdade e sem direito ao voto.

O povo ao ser alfabetizado, mesmo sem saber, ameaça o poder. Paulo Freire ao promover ações nesse sentido, ameaça o poder. A educação, criticada por Freire, não se constitui com base na liberdade do educando, firma-se na repetição de fórmulas prontas e na manutenção do que já existe, como verdades absolutas, não se constitui um ato político. Para Paulo Freire a educação não é neutra, caso seja, não se constitui em liberdade, mas em manipulação e engano, negando sua essência e fator de humanidade, ou seja, a constituição do novo.

Nesse sentido, há um choque de valores emergentes, uns buscam a permanência, outros, novos rumos e enfrentamentos para estabelecer novas realidades. O golpe militar de 1964 representou um recuo aos avanços populares, como por exemplo, a implantação em todo país de uma alfabetização popular, o que levou Paulo Freire a ser perseguido e a partir para o exílio. O que aparentemente

¹ Dom João VI (Lisboa, 1767 - 1826). Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves de 1816 a 1822.

parece uma ação frágil levou à reação violenta dos militares, que identificaram nos círculos de alfabetização popular, organizados por Freire, uma ameaça ao poder vigente.

Com o golpe militar é negada à sociedade a democracia, a participação no cenário político, à educação, a liberdade, enfim. A sociedade é fechada, como afirma Freire (2011a), diante da necessidade e do desejo de uma sociedade aberta e democrática. Com a derrubada do atual governo João Goulart, adepto ao ideário comunista, instaurou-se um regime totalitário, perseguindo toda e qualquer manifestação de liberdade e que entre outras ações coercivas, desmonta a República Populista vigente até então.

Estes fatos representam o pano de fundo para o ideário de liberdade defendido por Paulo Freire. Mas não é qualquer liberdade que ele, como educador brasileiro defende e anuncia, mas uma liberdade datada, que diz respeito ao povo, às suas raízes históricas e sociais. Ao ser exilado, Paulo Freire, teoriza sua prática educativa voltada para a liberdade. Em sua concepção pedagógica a prática antecede a teoria, fora do cenário nacional, participa de diversos debates, conferências, diálogos que, como afirma o autor, consistiram em um aprendizado para a escrita de uma pedagogia do oprimido. Nesse percurso, evidencia o perigo que a conscientização do povo representa aos que detém o poder, por mais simples que as ações possam parecer.

A proposta educacional de Freire vai além da esfera pedagógica, traz implicações sociais e políticas. Nesse sentido, seus propósitos educativos buscam a sonoridade, perda em valores ociosos, o palavreado, a invenção, a pesquisa, os comunicados, coisas diferentes, o que leva a uma constante tentativa de transformar a realidade, uma educação que é tomada como prática dessa liberdade. Tal posicionamento não se constitui em uma abstração, em ideias vazias, mas é uma inserção das pessoas em sua própria realidade, história concreta. Portanto, esta é uma proposta educacional para os que desejam e buscam a liberdade, não para os que se entrincheiram sob o domínio do medo ou na obtenção de privilégios. Esta é uma proposta para pessoas radicais² e não sectárias³, como destaca Freire (2005).

² A radicalidade é criadora pela criticidade que alimenta, é libertadora, um ato revolucionário. (FREIRE, 2005, p. 26).

SOBRE A LIBERDADE

A liberdade é um antigo princípio humanista desde a Grécia Antiga, retomada em vários momentos históricos e contextos sociais, está presente, por exemplo, nos ideais iluministas no séc. XVIII, firmando-se no engajamento político e social. Nesse sentido, Freire (2011a) concebe a liberdade na história das pessoas, a partir de suas vidas, associada a tomada de consciência da situação em que se encontram. Destarte, a busca pela liberdade pressupõe a consciência da opressão.

Discutir os conceitos de liberdade a partir dos textos destacados não é um esforço ao acaso, como o próprio Paulo Freire anuncia em notas de esclarecimento sobre a educação como prática da liberdade, é também uma opção pelo ontem, mas um ontem grávido de *agoras*, condição que lança olhares para o futuro, numa tridimensionalização do tempo. A busca de Paulo Freire ao expor um tempo e uma sociedade, que apresentava violentos embates com seus valores, com suas peculiares formas de ser, que ‘pretendia’ preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se” (FREIRE, 2011a, p. 51), não deixa, nos dias de hoje, de ser atual. O tempo destacado por Paulo Freire não ficou no passado, mas projeta-se com vigor na atualidade, tanto no que se refere à permanência da opressão, quanto na necessidade de rupturas em relação às forças opressoras.

A liberdade para Paulo Freire é a consciência da situação real vivida pelo educando. Freire (2011a) enfatiza que os que se lançam na marcha da liberdade não se acomodam, não se ajustam à sociedade, mas a transforma e nessa transformação, educam-se. A educação é uma prática de libertação que não se restringe a alguns, mas a todos que se põem em marcha e não sacrificam sua capacidade criadora em ações sectárias, mas antes, descobrem-se inacabados.

Nesse aspecto, é fundamental efetuar uma leitura de mundo, sabendo da realidade como um ser de relações, que necessita dos outros. Entendemos que dessa relação cada um vai dinamizando seu mundo, libertando-se das amarras e da servidão, humanizando-se. Para tanto, torna-se imprescindível que uma educação

³ A sectaridade é castradora, nutre-se do fanatismo. É mítica, irracional, alienante, transforma a realidade em falsa realidade, por isso não pode ser mudada. (FREIRE, 2005, p. 26).

que prima pela liberdade, fundamente-se na dialogicidade, incorporando o diálogo entre as pessoas e delas com o mundo, para que se possa aumentar o grau de confiança em que já se encontram. Ter confiança em si mesmo é indispensável à luta por um mundo melhor.

O povo a que Paulo Freire se refere não tem voz própria, não sabe-se histórico, mas “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”, dizer a palavra não pode ser privilégio de alguns, mas de todos. (FREIRE, 2005, p. 90)

Como forma de manutenção do poder os opressores utilizam-se de subterfúgios, de palavras vazias, de uma generosidade funesta, a qual nutre a opressão, a injustiça, a morte, o desalento e a miséria. Para Paulo Freire é preciso uma educação que leve o povo a refletir e ao saber de sua condição de oprimido e libertando-se da opressão, liberta consigo o opressor. Uma educação que possa propiciar a reflexão e uma consciência crítica diante dos problemas, estabelecendo um compromisso com a liberdade que se dá pela capacidade de opção, entendendo que uma pessoa massificada não é capaz de compromissos, pois não tem opções e mesmo que pareça livre, teme a liberdade. (FREIRE, 2011a, p. 86-87).

A liberdade não acontece por acaso, é preciso se por a caminho, em marcha, dá-se pela práxis e pela necessidade de sua busca. A busca da liberdade é uma tarefa histórica, concreta. Prática e discurso não podem estar cindidos, separados, antes, precisam caminhar juntos, em um ciclo em que um subsidia o outro. Neste movimento não há lugar para atitudes ambíguas, sectárias, é preciso ser aberto e radical e não aceitar as condições impostas de forma violenta e opressora, desvelando os disfarces de uma falsa proteção.

Os que temem a liberdade a requisitam sem conquistá-la, um empregado a se tornar patrão precisa estar livre e não ter que “encarnar com mais dureza ainda, a dureza do patrão”. (FREIRE, 2005, p. 36). Nesse sentido, a busca pela liberdade gera uma contradição, pois é necessário que toda a sociedade seja livre, mas não há condições materiais de sermos livres, diante do sistema econômico atual, dividido em classes desiguais. Apenas trocar oprimidos e opressores não irá resolver a questão, pois ninguém é livre oprimindo o outro. A prática da liberdade dá-se pela práxis transformadora, em que criam ao mesmo tempo “a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 2005, p. 106).

Paulo Freire não concebe a história de maneira estanque; passado, presente e futuro mesclam-se em dinamismo contínuos. A opressão envolve questões cotidianas, como a postura do educador em sua ação educativa, por exemplo. Em sua ação pedagógica pela liberdade age sobre a realidade concreta e não se restringe a um idealismo formalista, ou seja, a liberdade não é apenas uma ideia, mas algo ativo e dinâmico na vida das pessoas.

A proposta de alfabetização de Freire, não faz uso de cartilhas que trazem palavras e frases prontas sem conexão com a realidade das pessoas a serem alfabetizadas, mas antes, utiliza-se de palavras retiradas da própria vida, um diálogo ativo entre educador e educando, em que o educador se coloca ao lado do educando, junto a ele e não de maneira superior a ele. Entendemos, porém, que o educador encontra-se em um grau maior em relação ao povo oprimido, mas em algumas situações o povo terá maior conhecimento que o educador, dessa forma, observados que os saberes não são necessariamente maiores ou menores, mas diferentes. Nesse caso, Paulo Freire chama a atenção para a necessidade da empatia em relação a ética e ao pertencimento de classe.

Paulo Freire prioriza a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro, de tomar a luta pela liberdade também como sua, as dores e as alegrias do povo como suas e a considerar o povo oprimido como aliados nessa luta. Nesse prisma, o sistema capitalista é duramente combatido por Paulo Freire, nisso, não comunga com o idealismo da Escola Nova, pois não propõe adaptações ao sistema, mas defende as lutas, as marchas contra a violência opressora, preconizando a transformação.

Nesse sentido, a concepção de Paulo Freire é revolucionária, radical e não sectária, fechada ao novo. Em sua visão dialógica, concebe as pessoas como seres concretos, sociais, históricos, que fazem e participam da história. A opressão é denunciada por conta da expropriação do povo, a luta é contra os problemas gerados pelo sistema de produção econômica capitalista, observando que: a civilização industrial amplia as condições de existência do homem, mas provoca um “desenraizamento” contra o qual a educação precisa oferecer armas (FREIRE, 2011a, p. 118). Destarte, a superação da opressão, em uma sociedade dividida por classes, depende da libertação do povo expropriado de sua força de trabalho. Para Paulo Freire, a educação é grande aliada na busca pela libertação, entendida de forma concreta e histórica.

APONTAMENTOS, CONTROVÉRSIAS E CONCLUSÕES

Ao expormos os conceitos de liberdade de Paulo Freire, não será preciso considerar que a liberdade é um sonho, uma utopia? Caso a liberdade seja utópica, não será tal utopia necessária?

Consideramos a visão de Paulo Freire, de que conhecer o que não se sabe, leva à busca incessante do conhecimento e reconhecemos a necessidade do utópico, mas observamos que saber apenas não basta, é preciso considerar as limitações impostas pelo sistema econômico vigente, que restringe com grande força a ação humana. Mas para Freire, esse é o ponto de partida, a consciência de si no mundo leva à busca de respostas, numa constante busca de *ser mais* e não se conformar com o *ser menos*: “a sociedade passa assim, aos poucos, a se conhecer. Renuncia a velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito”. (FREIRE, 2011a, p.74).

Destarte, a busca pela liberdade não é ingênua, é crítica, pois não se acomoda, pelo contrário, responsabiliza-se pela participação no processo histórico que não é deixado ao acaso, mas tomado pela mão.

Por outro lado, a liberdade é possível no capitalismo? Tal sistema econômico controla e ilude as pessoas, impedindo suas ações como agentes livres e autônomos, mas antes, condiciona e automatiza, tornando a opressão algo natural. Assim, afirmamos que é preciso projetar forças para além do formalismo liberal capitalista que volta seus interesses para a manutenção do próprio poder; sem as necessárias transformações, manipula o povo numa falsa ideia de liberdade.

Os que transpõem ou questionam tais limites representam uma ameaça e são tratados como subversivos, mas não seriam os outros, os que desejam a todo custo manter o poder, mais subversivos ainda? Nisso Freire (2005) esclarece que os opressores não podem libertar os oprimidos, para que haja libertação é necessário tomar consciência da opressão, nesse âmbito os oprimidos também podem ser os opressores, caso não tome consciência de sua condição.

Tal afirmação parece-nos estranha, utópica. Mas Paulo Freire objetivou desvelar os modos de dominação e violência do opressor, uma ação pedagógica que traz a liberdade como um de seus princípios pode causar uma ação popular radical, mesmo que não seja esse o objetivo, as vias de transformação estão inscritas na história, pela ação das pessoas que dela fazem parte.

Afirmamos que a educação é uma prática de emancipação humana, livra as pessoas da ignorância. Ao afirmarmos que a educação liberta das forças opressoras, esta necessita de uma reflexão crítica sobre a realidade, firmada na prática e não apenas ancorados em ideias, mas em compromisso com a própria existência. Podemos admitir que a educação torna-se emancipatória desde que promova a libertação da mente e as pessoas sejam responsáveis pela práxis transformadora da ordem social.

Com efeito, não podemos negar o sonho, a utopia, a esperança, a liberdade, mas não sem luta. Nesse sentido, não podemos esperar que a educação um dia desponte como um frondoso e mágico *pé de feijão* que possa nos sustentar até os céus em desejos de mudança. A transformação não é possível no capitalismo, apenas uma nova ordem econômica poderá propiciar a liberdade, mas segundo Paulo Freire é preciso esperança, não passiva, mas envolta em ações para que a transformação seja possível.

Pensamos com Paulo Freire que a esperança é uma necessidade ontológica rumo a liberdade, é necessária, mas não suficiente, mas sem ela a luta não tem forças. Assim,

pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta pela melhora do mundo, como a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 2011c, p. 15)

A esperança por um mundo melhor, pela libertação da opressão, para Paulo Freire, não é pura espera, é ação e reflexão para novas ações. É saber de si e, sabendo de seu estar no mundo, saiba da necessidade de compor com o outro.

Concluimos com Freire (2011a, p. 59) que somos seres de relações, reflexivos, não apenas seres de contatos, de ações reflexas, estamos com o mundo e não apenas nele. Nesse sentido, estar com o mundo resulta na abertura à

realidade, o que nos faz ser o ente de relações que somos. Toda vez que a liberdade é negada temos um mero ajustamento e acomodamento social, ao ser suprimida a liberdade, a capacidade criadora é sacrificada. Observamos que “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação, e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a”. (FREIRE, 2011 a, p. 60).

A luta pela humanização é a luta contra a acomodação e o ajustamento em prol da integração. A pessoa integrada é consciente de seu ser e estar no mundo, não se deixando esmagar pela opressão que muitas vezes é realizada “em nome de sua própria libertação”. (FREIRE, 2011 a, p. 60).

A visão pedagógica e o método de ensino de Paulo Freire não se resumem em uma teoria educacional, mas aponta a educação como um ato político, intencional, como prática da liberdade em um tempo histórico não tão distante.

Em relação às proposições do presente estudo concluímos que Paulo Freire traz inegável contribuição à educação nacional, tendo a coragem de visualizar o país pela ótica de seu povo e não pela ótica estrangeira. Ao contextualizarmos historicamente o período que embasa os estudos e experiências de Paulo Freire, estabelecendo relações entre sua vida e seus posicionamentos educativos, afirmamos que pela natureza de sua obra não há como separar a realidade brasileira das discussões do autor, pois o mesmo relata suas experiências junto ao povo, tomando suas dores, fazendo-se presente como ser histórico e agente de seu tempo.

Sobre os conceitos de liberdade de Paulo Freire nas obras estudadas, revelam-se vigorosos, atuais e relevantes em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Observamos que tomar a educação como prática da liberdade não se constitui em apenas sonhos ou limites, mas um ponto de partida que não nega a importância de discussões verticalizadas.

Como forma de apontar caminhos rumo a uma educação que permita posicionamentos contrários à presente realidade, em que a educação é um dos fatores condicionantes ao sistema econômico capitalista e refletindo sobre os apontamentos e controvérsias em relação aos conceitos de liberdade, concluímos que: a educação que remete à liberdade é uma conquista, não algo passivo e estanque, sem participação do povo. Necessita da libertação da opressão internalizada, algo de dentro para fora e não de cima para baixo, conforme a

educação criticada por Paulo Freire que em síntese é apenas mais um instrumento de dominação.

Sobre isso, afirmamos com base em Paulo Freire que a educação não pode ser mais um instrumento de dominação e opressão, mas “um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 2011a, p. 127). Precisa comunicar o mundo, para que este seja incorporado, como uma busca que requer das pessoas o comprometimento com a reinvenção, a constituição de novas realidades. Para tanto a educação para a liberdade não pode ser mecânica, isenta de consciência do mundo, sem imersão na realidade. Precisa ser direta e realmente ligada a necessidade ontológica da liberdade contrária a concepção capitalista.

Por meio desse estudo sobre a liberdade na ação de Paulo Freire percebemos que a educação é um ato político que não permite ambiguidades. Ao finalizarmos, fica-nos um novo questionamento: Qual o nosso papel e nossa ação em busca da transformação social?

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.